

# O ACADEMICO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES  
ANO II — Nº 15 — OUTUBRO DE 1976 — BLUMENAU — SC. — Cr\$ 3,00



## Guido Heuer: simplesmente artista

Guido Heuer pertence ao grupo de Blumenau. Seus trabalhos se caracterizam pelo seguro back-ground artesanal e grande respeito pelos materiais e seus condicionamentos. As chapas de metal que mostrou na Exposição em Brasília indicam muita autoridade no emprego de formas e texturas. A sensibilidade plástica que o caracteriza compreende-se no contraste, sem polarização, de formas geométricas e orgânicas, de massas regulares e soltas, de vedados e vazados, de cheios e vazios, de tênues e espessos, de foscos e polidos. A preocupação pela ordem e o controle racional da estrutura não excluem a consideração do não-ordenado como dimensão da existência. Daí a fluidez de algumas superfícies, flutuando entre a decisão "acabada" da linha.

Texto da Revista Cultura, MEC

João Evangelista de Andrade Filho

PARTICIPE DO  
PRÊMIO PARKER DE  
JORNALISMO ESTUDANTIL  
VERSÃO 76. - (Pág. 12)



## John Lennon: Um pouco de amor nessa filosofia

... "É terrível, você é forçado a reconhecer que sua dor, aquela dor que faz você acordar com medo, com seu coração batendo, é realmente sua e não o resultado de alguém lá do céu".



## UM BRINDE EXCLUSIVO

Este mês, o ventre abominável do estado gerou mais um filho pavoroso e, em sua homenagem, o jornal O ACADEMICO está dando um decalque plástico que você deverá exigir do revendedor no ato da compra. Enquanto o filho cresce, você fica um pouco mais pobre, mas não esqueça que a pobreza é um estado de espírito... Enquanto o filho cresce, você deve aplaudi-lo.

IIIº CONCURSO  
DE CONTOS PARA  
UNIVERSITÁRIOS  
CATARINENSES — (Pág. 3)

UM MANIFESTO APENAS,  
PELA UNIÃO NACIONAL  
DOS ESTUDANTES  
(Página 6/7)

UMA ANTOLOGIA  
DO CONTO  
MARGINAL  
(Página 10)

**O ACADEMICO: "NANICO É A VÓ"...**

# Correspondências

RIO DE JANEIRO — (RJ) — ... Eu gosto sempre de receber "O ACADEMICO", a que tenho feito referências sempre, aplaudindo a equipe, salientando artigos, tópicos, poemas. Dou, por exemplo, o meu aplauso inteiro ao esplêndido editorial do nr. 12.

Cara Maura, recebemos o seu livro e agradecemos, o comentário segue nessa edição.  
MUITO OBRIGADO.

—x—  
JOINVILLE (SC) — Recebemos de Joinville, do colega Hans Bachl seu último livro NOS BASTIDORES DA MAÇONARIA o qual comentaremos em uma edição posterior; agradecemos a amável dedicatória a nós elaborada.

—x—  
CURITIBA (PR) — Recebemos o jornal "CAPOEIRA" o qual tem em sua direção o nosso velho e inteligente amigo e redator Carlos E.O. Bastos; jornal sério, muito preocupado com os problemas reais dos universitários é um admirável rival nosso ao prêmio Parker de Jornalismo desse ano. Também, será um convidado especial em nossa exposição de jornais nanicos que realizaremos durante o mês de novembro esperando contar com a participação de centenas de jornais de todo o País.

—x—  
FLORIANÓPOLIS (SC) — E uma grande satisfação dirigir, embora com relativo e involuntário atraso, a você e a equipe de "O ACADEMICO", esta missiva em que, agradecendo a remessa do simpático jornal, também me congratulo com seus fundadores e dirigentes. Se só agora o faço — peço que me excuse por isso — o atraso deve a circunstância de ou haver permanecido em Capinzal nos últimos dois meses, na qualidade de juiz substituto, às voltas com a sobrecarga de trabalho forense e, ao mesmo tempo, a revisão dos originais de meu último livro.

De vocês, que fazem, com tanto desvelo, inteligência, correção e galhardia "O ACADEMICO" eu poderia dizer o mesmo que certa vez o grande João do Rio disse a um grupo de jovens idealistas nos idos de 1915, em Petrópolis (grupo em que fazia parte meu venerando pai): "Vocês começam por onde outros acabam!"... Realmente quando me veio as mãos, no Fórum de Joaçaba, o exemplar desse interessante digesto cultural, que sob o cabeçalho, diz ser Orgão de Divulgação do Diretório Central dos Estudantes, eu e colegas pusemos em realce a feição gráfica, a boa impressão, a paginação impecável e, sobretudo, o senso estético, aliado a boa técnica jornalística na diagramação e escolha dos títulos de boa matéria. Não que eu seja um "expert" em jornalismo, mas aí mesmo na querida Blumenau de minha juventude, pelos idos de 1944/45/46, um pugilo semelhante a esse de que você faz parte, composto de estudantes, também se abalçou a fundar, com o "Centro de Cultura Literária", um jornalzinho de divulgação cultural e orientação estudantil; naquela época eu e outros rapazes ligados ao Colégio Sto. Antônio e à grande figura que nele ainda hoje vive, o mestre Frei Odório Durieux, mantínhamos um programa ("Letras e Melodias") na Rádio Clube, PRC 4, fundada por meu saudoso tio, João Medeiros Jr. Do grupo faziam parte Orlando Bértoli (ex-secretário de Estado e atual Presidente da TURESC), Irineu Trierweiler, Wilmar Gerent, Luiz Lauer, Otomar Pfau e outros amigos. Meu caro Oldemar, transmita aos seus colegas acadêmicos os meus sinceros e efusivos votos de crescente êxito. Prossigam, sem esmorecerem, nessa importante missão de pagar, por toda a parte, o quanto de nobre e valioso a mocidade estudantil blumenauense faz no sentido do seu aprimoramento cultural, do debate das idéias e da elevação do nível universitário em Santa Catarina.

Aproveite a ocasião para convidá-lo e a seus companheiros, para a solenidade de minha posse, na ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS, da Cadeira nr. 4, no dia 12 de outubro. A cadeira para a qual fui eleito, pela unanimidade dos membros da A.C.L., tem como patrono CLAUDIO LUIS DA COSTA e seu último ocupante foi o saudoso historiador JOSÉ FERREIRA DA SILVA, a quem Blumenau tanto ficou a dever no setor cultural. Não será fácil, mas tudo farei para não desmerecer tão grande distinção, principalmente por saber que o escritor que devo substituir era um José Ferreira da Silva.

Aceite, com meus cumprimentos, um caloroso abraço, extensivo a todos os redatores de "O ACADEMICO".

Cordialmente JOÃO ALFREDO MEDEIROS VIEIRA

Estamos satisfeitos e recompensados por estarmos sendo lembrados em sua tomada de posse na ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS, desejamo-lhe pleno êxito.

FLORIANÓPOLIS (SC) — ... Suponho que já recebo o seu "O ACADEMICO" há 3 bons anos. Sempre o tenho lido e gosto dele. O trabalho de todos vocês que o mantêm é exemplar e digno. Pago os tres anos que devo com satisfação óbvia.

E aqui fico no mesmo endereço grato pela remessa agradável.

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

Agradecemos o donativo enviado e estamos a sua inteira disposição.

—x—  
FLORIANÓPOLIS (SC) — Agradecemos a colaboração do amigo e secretário da Associação Catarinense de Escritores Osma: Pisani pela colaboração feita ao jornal; quanto a verba para a aquisição de matéria de escritório para a ACE, estou providenciando para breve. Aguarde.

—x—  
FLORIANÓPOLIS (SC) — Por indicação do poeta Alcides Buss, temos a honra, de comunicar que nesta data enviamos a seu endereço pelo correio, em pacote separado, um exemplar do nosso último lançamento.

"AHSIM", cujos poemas são de autoria do próprio Alcides, revela um jovem que procura a sua comunicação com o público leitor, através da palavra.

A capa, ficou por conta do Juarez Machado e diga-se de passagem, tem recebido a exemplo do conteúdo, os melhores elogios da crítica especializada.

Em síntese, esperamos que este nosso novo empreendimento gráfico seja de seu inteiro agrado, e esperando poder contar com o seu habitual apoio na difusão do mesmo, subscrevemo-nos renovando nossa estima e apreço.

Atenciosamente — LUIZ LUNARDELLI

Caro amigo Luiz, o livro está sendo comentado nessa edição pelo Carlos A. Vieira.

—x—  
JOINVILLE (SC) — Oldemar, quero agradecer o apoio do ACADEMICO ao III° Encontro de Autores Catarinenses, o qual, como viste, apesar dos derrotistas e derrotados, reuniu muita gente boa, especialmente, nova, apesar dos derrotistas e derrotados.

Foi mais uma vitória da "finada ACE", que já prepara o IV° Encontro no sul. Mais uma vitória, porque além da reunião em si, consegui mais sócios, arrecadou dinheiro e resolveu uma série de problemas burocráticos, tendo condições, agora, de partir para a realização de anseios dos autores catarinenses (antologia, direitos autorais, remuneração de colaboração, apoio ao Desterro, etc.).

O ACADEMICO, também, pensamos, deve ser um dos veículos para a nossa comunicação, principalmente para mostrar a certos medalhões, consagrados pelo uso, que a finada ACE, que depende do trabalho deles, não está tão finada assim.

CARLOS ADAUTO VIEIRA — Presidente da ACE

O ACADEMICO, sem falsa modéstia, está constituindo-se num dos principais órgãos de divulgação do autor catarinense no Brasil inteiro (embora a circulação do jornal seja dirigida)... Agradecemos a menção e estamos aí...

—x—  
RIO DE JANEIRO (RJ) — O ACADEMICO chegou aqui na redação. A edição nr. 13, após dois anos de trabalhos que acredito incansáveis. Isso é muito bom. É importante receber uma publicação de setor estudantil nesses trágicos momentos que vive a universidade brasileira hoje. E é ótimo saber que a força do jornalismo estudantil continua em efervescência, demonstrando a consciência do estudante brasileiro.

Saudações jornalísticas GLAUCO DE OLIVEIRA — diretor do JORNAL DE MÚSICA e da revista ROCK, A HISTÓRIA E A GLÓRIA.

Agradecemos os exemplares do inigualável JORNAL DE MÚSICA e suas palavras de estímulo ao nosso jornal. Aproveitamos a deixa para dizer que o Jornal de Música fará parte, juntamente com outra centena de jornais nanicos, de uma exposição que promoveremos com o DPTO. DE CULTURA de nossa Universidade durante o mês de novembro desse ano... O convite será encaminhado em tempo.

—x—  
FORTALEZA (CE) — Companheiros de O ACADEMICO — Queremos agradecer a vocês e envio constante de O ACADEMICO e, ao mesmo tempo, enviar nosso apoio ao trabalho valioso de vocês, que estão na luta por uma imprensa independente, numa época em que proliferam os silvío santos et caterva e outras anomalias próprias dos sistemas apodrecidos.

INTERCAMBIO não é um jornal estudantil, nem aqui temos tal instrumento, mas, sobretudo, um jornal que tem por objetivos

## EDITORIAL

### — INTERROGAÇÃO —

- O que é literatura?
- Quem faz literatura?
- Afinal, por que "literatura"?
- Autores catarinenses, sim; literatura catarinenses, sim?
- Influências da literatura? De que maneira? Em que campo das atividades humanas?
- Literatura universal?
- Literatura imortal?
- Falsos poetas, poesias fabricadas, autores impostos, e aberrações outras são identificáveis facilmente?
- Publicar poesias é fazer literatura?
- Pessoas muitas sabem perguntar, poucas sabem responder.

Ninguém pode reprimir a vontade e o querer escrever. Prosa ou versos, ninguém pode tolher que existam. Opinar sem pensar é fácil. Escrever, ler e sentir ou sentir e praticar são atos difíceis; são atos inteligentes. Considere-se entrevistado.

## Correspondências

(Continuação da página 2)

a salvaguarda do autor nacional, aliado do mercado editorial pelo best-seller estrangeiro, o incentivo ao autor novo, tão desprezado no meio da engrenagem editorial, em defesa de uma imprensa livre, por uma integração (autêntica) da cultura nacional, vilipendiada desde a chegada dos colonialistas europeus.

Ainda estamos na fase do mimeógrafo (a idade da pedra da imprensa), não estamos nas bancas, mas, mesmo assim, não temos fraquejado e pretendemos ir adiante.

Intercâmbio é editado pelo Movimento de Intercâmbio Cultural, nasceu em dezembro de 1975, e já tem, inclusive, servido de paradigma para o surgimento de outros manicos.

Estamos agora empenhados na coleta de contos para a editoração de uma antologia de contos inéditos de autores novos, juntamente com o Club dos amigos do Marsaninho, do Rio. Para tanto estamos remetendo um artigo-depoimento, para o que pedimos divulgação. Esperamos contar mais uma vez com o apoio de vocês, bem como recebermos colaboração de pessoal daí para a referida antologia.

Aguardamos certa e enviamos nossos fraternais abraços,  
NILTO FERNANDO MACIEL — da revista INTERCÂMBIO  
do jornal O SACO

A publicação está nessa edição... Procuraremos colaborar na medida do possível, um abraço a todos e sucesso no empreendimento.

— x —

RIO DE JANEIRO (RJ) — Aos editores de "O ACADÊMICO", agradecendo a remessa do exemplar de agosto e desejando vida longa e profícua a mais este órgão de imprensa que dispõe a divulgar a literatura brasileira. Atenciosamente.

CARLOS A. A. DE SÁ

Agradecemos as palavras de distinção e o livro enviado, divulgaremos oportunamente.

A REDAÇÃO

# BLU

1 260 KHZ. Amplitude Modulada

UMA NOVA ERA DE  
COMUNICAÇÃO.

Ed. Catarinense — BLUMENAU

## Para Universitários Catarinenses

### — III CONCURSO DE CONTOS

Com o patrocínio da Fundação Educacional da Região de Blumenau (FURB), dos Diretórios Acadêmicos e da Livraria Universitária de Blumenau, se está lançando o III Concurso de Contos para Universitários Catarinenses, edição 1976/77.

Os objetivos são os mesmos dos anos anteriores. Mas nem por isso ultrapassados. Continua-se estimulando o surgimento de novos autores e revelando novos contistas.

Para você participar é muito simples, basta enviar dois (2) contos originais e inéditos identificados somente por pseudônimo; em três vias, em papel tamanho ofício, datilografados e em um só lado da folha. Não há limite máximo ou mínimo para o número de páginas ou palavras de cada conto nem prescrição quanto a forma e conteúdo. Os trabalhos encaminhados, deverão estar acompanhados por um envelope menor, fechado, contendo uma folha com o pseudônimo e o nome do concorrente, endereço particular, e nome da Universidade onde estuda, curso e ano que frequenta.

Quando a premiação ao 1º colocado será conferido o prêmio "Fundação Educacional da região de Blumenau", no valor de Cr\$ 3.000,00; ao 2º colocado será conferido o prêmio "Diretório Central dos Estudantes", no valor de Cr\$ 2.000,00; e ao 3º colocado será conferido o prêmio "Livraria Universitária de Blumenau", no valor de Cr\$ 1.000,00.

Bem, dos autores os direitos autorais dos contos premiados serão transferidos à Livraria Universitária, nos termos da legislação vigente, a qual publicará em livro os contos dos cinco premiados colocados.

Em outras palavras, os vencedores desse ano juntar-se-ão aos 10 premiados dos anos anteriores (1974—1975) para lançarem uma antologia. E são estes os vencedores dos anos anteriores:

Do ano de 1974 —

- 1º colocado — Maria Odete Onório Olson c/os contos, Sem Rimas e Sem Razão, e Tábua Suor e Sangue;
- 2º colocado — Altino Kretzer c/o conto, Desforra;
- 3º colocado — José Roberto Rodrigues c/o conto, Narciso e os Pardais;
- 4º colocado — Wilson Antunes Júnior c/o conto, Tempo de Opção;
- 5º colocado — Dupuy Antonio Côrtes c/o conto, Mulata Madalena do ano de 1975;
- 1º colocado — Serge Goulart c/o conto, O Corredor Noturno;
- 2º colocado — Juraci Carlini c/o conto, Os tres cativos e a Divindade;
- 3º colocado — José Roberto Rodrigues c/o conto, Estória em Linha Reta;
- 4º colocado — Luiz Abel Silva c/o conto, O Apostador; e o
- 5º colocado — Sérgio Amaral de Oliveira c/o conto Ser homem. Ser muito... Ser muito...

Seus trabalhos deverão ser remetidos até o dia 28 de fevereiro de 1977 para:

DEPARTAMENTO DE CULTURA DA FURB

Rua Antonio da Veiga, 140 — Caixa Postal 7—E.

89.100 — Blumenau — S. C.

## EXPEDIENTE

FUNDADORES — Oldemar Olsen Jr.  
Mária Odete O. Olsen  
Fred Richter  
Domingos Sávio Nunes  
Jose Luiz Dias de Souza

DIRETOR E REDATOR RESPONSÁVEL

Oldemar Olsen Jr.

REDADORES — Maria Odete O. Olsen, Fred Richter, Domingos Sávio Nunes, Jaime Monney Kempinsk, Atonso Pabst Neto, Sérgio André Zanin, Carlos Alberto Ramos Schmidt, Roberto Diniz Saut, Silvio Borges de Jesus, Artêmio Zanon, Carlos Eduardo de O. Bastos.

COLABORADORES — Hans Bachl, José Roberto Rodrigues, Wilson Lang, Reni Becker Filho, Inês Mafra, Luiz, Carlos Adauto Vieira, Abel A. de Souza, Pedro Grisa, Enéas Athanázio, Moacyr Gomes de Oliveira.

# Nós e o Mundo & Maura de Senna Pereira

"Quando ouvirem uma criança, um adolescente, uma criança muito nova dizer que o ano passou depressa, desconfiada. Não pode sentir que o tempo corre quem está crescendo, desabrochando, em plena faixa da expansão. Fala assim numa inconsciente insinceridade, por um natural espírito de imitação, para impressionar, porque ouve os mais velhos dizerem. Estes, sim, estão sendo sinceros, pois sentem realmente que os natais e anos novos se sucedem com rapidez. E essa sensação é um sinal (do grupo dos que chegam na hora devida) de que já não é mais primavera, embora em muitos pontos — o rosto jovem, o corpo esbelto, o coração arrebatado — possa prolongar-se o seu brilho. Assim, o tempo é implacível, as belas estações passam e, após terem chegado e desaparecido as cores ainda soberbas do outono, virá o inverno, o declínio, o fim. Há um sentido dramático em tudo isso, marcado, porém, de uma tal equidade — o efêmero atingindo a todos inexoravelmente — que a atitude sábia será a aceitação. Equidade sem dúvida, porque não tem cabimento, por exemplo, alguém dizer que não teve juventude. Correndo a vida, todo ser humano tem, teve ou terá juventude. Agora, se esta é triste ou alegre, apagada ou gloriosa, dura ou feliz — isso não é com o tempo: é com o homem".

Assim escreve Maura que é mulher, que é catarinense enfim, que é autora catarinense. E nesse livro aparecido em muito boa hora, (para pelo menos lembrar dos nossos padrões femi-

ninos, que existem e têm valor) revela a escritora a sua preocupação — o ser humano, que em suas crônicas rápidas mas significativas denuncia presenças nitidas e inteiras a despeito das épocas alternadas, que aglutinam-se como ela define, compondo ambientes e almas; tornando claro o drama desde as suas raízes. Isso nos quadros e temas. Mas, nas estórias que ela não inventou é assim que fala dos Visitantes da Noite: — Bem sabiam que estava na hora de os fantasmas tomarem conta da mansão, quebrarem cristais (que apareciam inteirinhos no dia seguinte), reunirem-se em animados repastos em torno daquela mesma comprida mesa.

E ouviam-se gargalhadas, arrastar de sedas, diálogos em que eram pronunciados os nomes da família. As vezes, o piano se abria e alguém tocava. Alegria. Barulho. Os que ainda não tinham conseguido dormir — percebiam, também, que o salão estava fortemente iluminado. O pior era quando a claridade se estendia pela casa toda. A claridade e, não raro, o movimento. Ah, os passos nos corredores, os empurrões nas camas, as mãos invisíveis abrindo armários, as vozes soando dentro dos quartos, cicando perto dos ouvidos, repreendendo namorados despertos. ... Mas nem sempre eram fantasmas gentis, galhofeiros, como aquela noite... São contos simples, misteriosos e teimosos na insistência de transmitir algum encantamento encontrado nas coisas simples do cotidiano. Para terminar com retratos. Pedacos que procuram salientar e relevar o trabalho de alguém em algum ramo distinto. Como esse final sobre "Babicka (A Avó)", livro escrito em 1955 e que representa um marco milenário importante na evolução e caracterização da prosa tcheca, como salientou Antônio Houaiss". "O trigo é o pão. Para a avó o pão é algo sagrado. Sua feitura é um rito, seu modo de cortar deve ser certo. Com o sal simbólico, oferece-o às visitas. Dele nada é jogado fora: junta as migalhas e leva-as com fervor às aves, às formigas, aos peixes. E, quando prepara a merenda para os netos, põe na cestinha de junco e nas sacolas de couro, ao lado dos frutos secos, uma verdadeira torrada de pão, pois ocou, antes, um farto pedaço, revestiu-o de creme e adicionou toda a polpa do miolo. Para a avó o pão é festa de cada dia, é benção, é "dom de Deus". E para nós? E um livro diferente que homenageia e traduz gratidão. Mas que não deixa de conduzir-nos a alguma reflexão em suas diversas passagens.

(M. O. O.)

## JORNAL ABERTURA

— CULTURAL —

C. P. 12-193 — ZC - 07 — 20.000  
Rio de Janeiro — (R. J.)

A moda em toalha  
Blumenau - SC

## Mini Mercado Fiambreteria Globo

Rua XV de Novembro, 1464 (em frente ao Banco do  
Brasil) — Fone: 22-5036

BLUMENAU — SANTA CATARINA

ENTREGA A DOMICILIO

Suavidade,  
leveza,  
alegria,  
liberdade,  
e beleza...

**MALHAS HERING**  
Ihe asseguram tudo  
isso  
com muito amor.

SC 1984

# ACADERNO ESPECIAL

AS MELHORES MATÉRIAS

## Mente acorrentada

(Roberto Diniz Saut)

Não vi ninguém no suburbio de minha consciência.  
 Não quero nem me interesse  
 os podres animais que habitam meu cerebro.  
 Meu ser rejeita, o mau cheiro  
 da carne corroida pela ignorância dos acomodados.  
 Não aceito o vômito dos mesquinhos seres humanos  
 que insistem na lamacenta glória do egoísmo.  
 Meu cérebro não quer registrar a indiferença dos enriquecidos  
 pelo medo.  
 As cavernas de minha mente defecam sobre o vazio  
 as pessoas de falso sorriso.  
 Eis meu sonho numa negra noite.

Passeio na noite em lua cheia  
 e vejo estrelas fixas.  
 Ando no dia em sol e contemplo três crianças no brinquedo.  
 Dou passos por aí do não sei onde ir  
 e vejo  
 sociedade vestida de gala,  
 estudantes cobertos de pobreza mental de livros coloridos,  
 freiras sorrindo,  
 mães conversando,  
 bancos abertos atulhados de desesperados olhos,  
 carros andando,  
 fábricas maquinando produtos,  
 vendedores berrando coisas,  
 um montão de gente.  
 Muita gente.

Quero acreditar em muitas coisas.  
 Preciso crer.  
 Creio!

Eu tenho uma bicicleta.  
 Não, eu tinha.

Eu sei e aprendi:  
 matemática,  
 aritmética,  
 matemática,  
 e sexo.

Preciso acreditar que eu sou eu.  
 Meu cérebro não me aceita,  
 Diz ele que sou um animal.

## Eu te espero, dádiva divina

Carlos E. O. Bastos  
Curitiba — Paraná

O morte! Santo e meigo lenitivo,  
 Vem salvar-me deste chão nocivo  
 Corta de minha vida as correias  
 Livra minha alma, rasga minhas veias,  
 para que eu possa assim deixar  
 este esconjurado corpo sem pensar,  
 Que um dia habitei este mundo  
 Devasso, nojoso, libertino e imundo.  
 Lava minha mente obscura  
 Que raia na extrema loucura,  
 busca meu ser inanimado  
 pelo antrar da vida maculado,  
 sega minha cabeça macilenta  
 com o alfanje de agrura lenta  
 Livrando assim a minha alma,  
 Que procura não além a mesma calma  
 que tanto no charco indagou  
 e somente a ira encontrou,  
 Leva-me ao cadafalso salvador  
 meu valhacouto terno e protetor.  
 Lança meu cadáver noctâmbulo e odiento  
 As dejeções humanas — e lento  
 será tragado pelos vermes da excecrandra sorte.  
 Tanto eu anseio a benvinda morte!...  
 Augusta, eu espero com afã,  
 o fim de minha existência vã,  
 Vem imolar minha matéria langue,  
 O lucífera! Vem sugar meu sangue...

TOPOGRAFIA

PAVIMENTAÇÃO

### Hayashi & Cia. Ltda.

CONSTRUÇÃO CIVIL

TERRAPLENAGEM

Rua Bahia, 1957 — Caixa Postal, 703 — Fone, 22-0635

BLUMENAU

— SANTA CATARINA

Circulando em todas as Universidades Brasileiras

# Um manifesto apenas,

No princípio, a excursão parecia ser mais uma aventura, dessas que estudantes comuns realizam regadas com muita bebida alcoólica, muitas obscenidades e pouco proveito em termos de conquistas.

Tradicionalmente, fez-se as escalações das equipes (requisitou-se aqueles elementos que, normalmente, se implora para que participem)... Bem, o dia da viagem aproximou-se e nossa equipe ficou reduzida... Mas o importante era participar e aprender alguma coisa, assim, após providenciarmos com a C.M.E. e com a ajuda do professor Lorival Beckauser os uniformes, partimos... Não, sem antes perigrinarmos a procura dos membros da equipe.

O Luiz ficou encarregado de nos conduzir em sua Kombi, aliás, a Kombi foi motivo de piadas a viagem inteira... Ninguém acreditava que chagássemos inteiros viajando nela; o Luiz apanhou o Leoni (gente fina), muito preocupado com a excursão e como presidente do Diretório de Engenharia (parte interessada nos canecos)

Quanto a mim, não acreditava na excursão, embora tenha sido o principal fomentador dos boatos...

Se vocês forem, passem lá em casa — falei para o velho Luiz.

Está bem, disse ele — às duas horas da manhã eu estarei lá.

Tudo correu bem. Apanharam o prego (Carlos), ex-presidente do Diretório de Engenharia e campeão de tênis de mesa em 1974 e era uma esperança a mais...

Eram duas horas em ponto, quando já estava no terceiro sono, a campanha toca lá em casa (não é que o desgraçado do Luiz apareceu), como era homem de palavra, não podia voltar atrás e juntei-me a comitiva...

Eu estava na equipe de xadrez, tinha sido campeão universitário em 1974 eles tinham confiança em mim (embora não jogasse uma partida há muito tempo).

Estávamos em 4 (pouca gente, para se realizar uma viagem daquelas)... Antes, porém, quero contar a história do rato (Luiz Carlos) não tem nada à ver com o primeiro Luiz e nem com o primeiro Luiz e nem com o primeiro Carlos... Bem, ele estava dormindo quando foram buscá-lo... Então, morto de cansado disse que não iria e bateu a porta... Passaram alguns minutos e o velho Luiz foi e bateu no quarto dele novamente... Até ele aperecer e dizer... "Mas bô, vocês estão aqui ainda"... "São uns tremendos"... Depois de muito resmungar, resolveu participar... Chegamos até a Boate e o Angelo aparece (não precisa saber com quem). O Angelo era o goleiro da equipe (com muito mérito) e nós, em 6 elementos fomos procurar o Celso (foi o único que estava esperando em casa com a mala pronta), por conseguinte, o único que acreditava na dita excursão; o 8º elemento foi procurado adoidado, subimos morros e descemos ladeiras e nada de encontrar a casa do atleta... Após uma boa hora de procura inútil, quando estávamos prestes a "zarpar", alguém lembrou-se do Moacir, gente boa que, entre duas cervejas, preferia tomar mais uma (essa era a impressão que eu tinha)... Um conceito falso, diga-se a bem da verdade.

No balanço geral, estávamos em oito, para disputar tênis de mesa, xadrez e futebol de salão...

Madrugada de sábado, e nós saímos de Blumenau com destino à Caçador onde pensávamos disputar uma olimpíada simplesmente... O que não sucedeu, como

veremos (não da forma como desejávamos).

A kombi gemia no asfalto enquanto nós relembrávamos as circunstâncias em que tínhamos reunido aquele grupo heterogêneo... O Luiz (véio), concentrado no volante; o Leoni, fumando como uma locomotiva, com a missão de conversar com o motorista para que ele não dormisse; o Celso, pronunciou umas poucas palavras a viagem inteira; o Angelo, dormiu quase todo o percurso (só acordava para dizer um palavrão a mandar nós fazer silêncio para ele dormir)... O Luiz Carlos, era o alvo das piadas; O prego, tentando dormir e eu, pensando em cada um deles e preocupado com o vidrinho de café que havia trazido, pois o conhaque, quero dizer, o café era para amenizar o intenso frio que fazia...

Tínhamos rodado uma centena de quilômetros, quando alguém descobriu que a kombi do véio Luiz andava sem que fosse necessário pisar no acelerador, aí houve uma certa inquietude que durou até o instante em que (sem aviso prévio, ela — a Kombi — resolveu parar); bem, o dono tinha que resolver o problema... Todos desceram e foram averiguar o motor... Quando o véio abriu a tampa... Um fumacê do demônio... Vai explodir gritou um engraçadinho... Todos ameaçaram de correr, mas era só um alarme falso...

Só havia um perito em cabo de bateria solto (o restante era analfabeto em mecânica, exceto o Luiz), falando em Luiz, ele ajeitou um arame e fez umas adaptações, que não vou entrar em detalhes para não desmoralizar a General Motors... Passado o pânico, a viagem prosseguiu... Quando chegamos na serra, o mesmo engraçadinho (contemplando a vegetação externa, comentou): "Nessa Kombi, nós perdemos até prá carrinho de mão na subida"... Todos riram e o Angelo berrou lá de trás qualquer coisa como: CARVALHO me deixem dormir, não entendi direito mas, parece que foi isso...

Ve por outra, alguém pedia um gole de café... E a bem da verdade, o véio Luiz (motorista) não bebeu uma só gota; dizia: "de bêbada, basta essa kombi"...

A vegetação estava branca de geada, um frio de cão... A exceção do Angelo, ninguém dormia... Sugeriu-se ligar o rádio, a kombi, apesar das troças, tinha um rádio; pegava todas as interferências... Até resfriado... Nunca algo audiveo... Até que um herói sintonizou uma emissora argentina e fomos com zumbido até Caçador, tché!

Durante a viagem, paramos para fazer um lanche, enquanto a kombi descansava... Quando estacionamos o Angelo acordou e resmungou qualquer coisa como: ORRA, ou P... sei lá, acha que foi isso...

Tinha gente que não comia ou estava fazendo curso para faquir, fazia muito tempo... De forma que não houve linguiça e pão que sobrevivesse ante as bocas alvicultares de oito engenheiros famintos...

Sem maiores extravagâncias, chegamos em uma das capitais do oeste (sim, porque em Chapecó, a capital é Chapecó, em Joaçaba, é Joaçaba; em Lages, é Lages...) e falando em Lages, suponho que o sujeito que nos deu a informação sobre a Faculdade devia ser lageano, porque queixo de lageano parece não ter mais fim... A Faculdade fica logo ali... Se alguém mais sensato não indagasse novamente, estaríamos andando até hoje...

Quando chegamos, fomos recepcionados pelo presidente do Diretório e outros elementos que compunham a mesma diretoria, tomamos um cafézinho e ficamos entusiasmados por vermos nosso jornal "O ACADEMICO" em uma das mesas...

A recepção foi calorosa e, em poucos minutos, ff.

# pela união nacional dos estudantes



DA ESQUERDA PARA A DIREITA: AN GELÔ, VEIÔ LUIZ, CELSO, LEONI, PREGO, (CARLOS ROBERTO), MOACIR, OLSEN. ESTÁ AUSENTE O RATO (LUIZ CARLOS)... MAS FICA NOSSA HOMENAGEM.

nhamos a impressão agradável e reconfortante de que eramos velhos amigos.

Indicaram-nos um Hotel, onde poderíamos descansar o "chassis" e fazer nossa primeira refeição de sábado.

Nossa delegação (uniformizada) causou sensação na pequena Caçador.

Após o primeiro reconhecimento, fomos almoçar e, novamente a bem da verdade, nunca vi tanta comida servir tão poucas pessoas... Mais reconfortados, após o almoço, fomos assistir à uma palestra, que pensávamos ser a Abertura dos Jogos.

Em lá chegando, o que se nos deparou foi realmente interessante, havia delegações de Florianópolis, Tubarão, a nossa (Blumenau), Criciúma, Rio do Sul, Joinville, Itajaí, Caçador...

O programa foi iniciado com a abertura pelo presidente e conclamando um elemento que iria falar sobre Diretórios... Imaginamos ser mais um idealista tentando requisitar a classe estudantil para unir-se mais e trabalhar em benefício da classe... A guisa de prefácio devo acrescentar o palestrante era ilustrado no assunto, eu suponha ser doutor no "metier", afinal, já estava no "rolo" desde o 3º ano primário; no princípio era GREMIO (primário e ginásio); depois foi o CLUBE (científico) e, finalmente, DIRETORIO (na Universidade)... Dentro dessa faixa, tinha passado por todas as cargos possíveis e imagináveis, diretor esportivo, tesoureiro, presidente, coordenador geral, responsável... Até orador... De organizador de programas a idealizador de estatutos, julgava-me um "mestre"... Até começar ouvir o dito palestrante na conferência...

Falou-se da U. N. E. (União Nacional dos Estudantes)... Bons tempos os do meu pai, pensei com meus botões...

Da força sugestiva e idealista dos Diretórios, quando expressavam digna e verdadeiramente a vontade e os direitos do estudante universitário, lutando pelo ensino melhor, ou pela educação gratuita pelos padrões dos educandos e dos que deveriam emprestar conhecimentos a esses educandos...

A palestra estendia-se por caminhos

já palmilhados e parecia não ter objetivos tão definidos (ou eram definidos demais)... Depois da primeira ilustração histórica, em que o conferencista frequentemente era aplaudido (e com razão) fui observando meus próprios conhecimentos sobre a história, constatei que não era o único, todavia, os outros dissimulavam melhor...

A agitação era coletiva, poucos conseguiram adaptar-se às incomodas cadeiras até o final da palestra... Quando o distinto ilustrador e profundo conhecedor das peregrinações acadêmicas na história terminou, (Césare Cantu — autor da pequena História Universal — 32 volumes —) ficaria encubulado... Ai, citou a biografia do livro que havia usado na pesquisa, disse da escassez de literatura sobre aquele tema; sobre o livro, lamentou ter esquecido o autor... Mas pela discussão, merece ser lido... Não é necessário dizer que a velha impressão sobre a cultura do palestrante foi por terra...

Na segunda fase, iniciaram-se os debates; havia uma figurinha meticulosa de Florianópolis, já havíamos tido um contato rápido (antes da conferência) e, em cada período da discussão o mesmo acrescentava: "Aqueles caras são uns porras locas"... Bem, esse era um pretendente a presidência do Diretório (de âmbito estadual) que se tencionava criar... Com a minha experiência, eu sabia que aquilo não funcionaria, nunca daquela maneira (porra loca pra cá e porra loca pra lá)... Entre uma e outra citação, ele manifestava o anseio de omar a presidência e pedia para darmos apoio: "Um Diretório mal em uma Universidade pequena como a nossa, agora imaginem a nível de Estado..."

Quando o debate iniciou, percebemos a espécie de cilada em que havíamos caído; nos retiramos do recinto... Logo fomos seguidos por outros elementos e, 30 minutos após não havia mais debate...

As competições tiveram que ser iniciadas mais cedo... Nós, com 8 elementos, tínhamos que disputar 3 modalidades... Se me não falha a memória, até o motorista (véio Luiz) jogou futebol de salão...

A delegação dividiu-se e só voltamos a nos encontrar às 19,00 horas.

O xadrez foi normal (quase normal), jogamos partidas com duração de 60 minutos, sem relógios es-

pecíficos, deixamos pontos ganhos... Mas não perdemos nenhuma partida, o que, por alguns empates, levou-nos ao vice-campeonato... Eu e o Luiz Carlos (rato) tínhamos cumprido nossa parte, ele, ainda teria que jogar futebol de salão. Aliás, apressamo-nos em ir para o Estádio.

Eles já tinham participado de algumas partidas, e conseguido medalha de prata em tênis de mesa, não me perguntem como, porque de milagres eu não entendo... A decisão (no futebol de salão) andava longe quando chegamos... O barulho era infernal, tambor e outros instrumentos de fazer barulho davam o ritmo da música ambiente... O diabo é que todos os times estavam desclassificados, a exceção de Blumenau e Itajaí, por conseguinte, a torcida era toda deles. No banco, estavam em três, dos quais, dois não jogavam, embora, numa emergência pudessem jogar.

O Sauer desempenhando, aliás, todos desempenhavam, mas ele era mais alto e aparecia mais... Fizemos o primeiro gol e aquele estádio quase veio abaixo; Entra tempo e pede tempo, substituí aqui e ali e o primeiro tempo terminou... Água mineral daqui, água mineral de lá, iniciou-se a fase derradeira... Fizemos o segundo gol... Eles fizeram um... Nós fizemos o 3º... Então, alguém na plateia gritou: "Quem é o alemão" si, outro engraçadinho redarguiu: "Qual dos cinco?" Brincadeira de mau gosto, visto que a turma estava mais para espaguete do que para "chucrute"... Deram bronca com o juiz... Substituíram o juiz... Mas a partida terminou e nós eramos os campeões...

Fomos ao Hotel, terminamos o resto do "café"... Banho na maceda vitoriosa... E fomos jantar, então (quem disse que a história não se repete). Os carnívoros saciaram o apetite e pensamos em voltar... Uns queriam ficar para o encerramento, novamente a turma dividiu-se.

Quatro elementos, o prego (Carlos Roberto), Leoni, Moacir e rato (Luiz Carlos) ficaram para trazer os canecos e nós voltamos na mesma noite (sábado).

O Angio vomou dormindo (como era de praxe). O Sauer sem pronunciar palavras desnecessárias, eu com a incumbência de conversar com o motorista e o próprio (véio Luiz) com a missão de nos trazer são e salvos...

A volta foi sem incidentes (o problema do acelerador repetiu-se, mas para que acelerador se estávamos descendo a serra)... Depois, estávamos muito fatigados para fazer piadinhas em torno da kombi.

Viajamos a noite inteira, paramos no mesmo ber na volta, mas não comemos tanto...

Blumenau foi vista às 7:30 horas de domingo, voltamos em quatro elementos de uma excursão exaustiva, com alguns trotéis para enriquecer a galeria de "canecos" do diretório.

Soubemos mais tarde que a delegação de Itajaí não quis trazer (os remanescentes do nosso grupo que ficou em Caçador). O motivo era evidente...

Interessante como a amizade se estreita e se afirma num caso como esse; ficamos dois dias combatendo do mesmo lado e estávamos dispostos a brigar um pelo outro (pelo menos lá em Caçador)... No entanto, após alguns dias de convivência na Universidade... Tuco volta a rotina e as mesmas preocupações assumem importâncias diferentes para cada um, mas sempre com a preferência ante um diálogo ou a reverência amical pertinente à seres humanos.

(OLDEMAR OLSEN JR.).

ATARINENSE DIVULGANDO LITERATURA CATARINENSE

# Albert Camus: O ESTRANGEIRO

"Hoje, minha mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: "Sua mãe falecida. Enterro amanhã. Sentidos pêsames". Isto não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem".

Ele não havia sentido tristeza nem alegria, mas sim, simplesmente ficado indiferente. Indiferente com a morte, indiferente com a vida, com esta vida na qual ele se sente um marginal, pois deixa que ela o leve simplesmente. Por que preocupar-se com a mesma se seu trabalho, a vida de seus amigos, a monotonia dos domingos, o amor, nada mais são do que este absurdo, ou seja, esta harmonia sob forma de reta, na qual o início é a vida e o seu fim a própria morte. Uma única reta. Transpassar seus limites, isto é, buscar uma solução numa ordem transcendente, apenas ocasionará um sentimento de náuseas, uma atitude de angústia. O vital são as certezas e todo o demais não conta, não somente as idéias sobrenaturais como também as várias ideologias.

Pois para Camus a ventura, ou a vida, é nada mais do que esta harmonia entre um ser e a existência que se leva. Assim, quando esta harmonia se rompe, aparece implacavelmente o absurdo.

Meursault, este anti-herói ou anti-cristo, para quem a vida não tem nenhum valor, para ajudar a um amigo com problemas amorosos, os quais, no entanto, pouco lhe interessam, comete um assassinato, sem que também ao comete-lo não vê outra razão senão um impulso irresponsável.

Um impulso que "havia destruído o equilíbrio do dia". Um impulso, repito, do qual Meursault não sente nenhuma responsabilidade. Só lhe importa a reação ante a oportunidade, a ocasião de poder encontrar-se perante a exigência da vida. Sim, nada por outra parte, poderia substituir este imperativo vital, esta existência, donde, não há o que temer.

Realmente, Meursault após o crime não sente nenhuma culpa nem esperança; assiste a seu processo como se não fosse ele o réu, mas um estranho, alguém a quem seu andamento pouco importa.

"O caso seguia o seu curso, na expressão do juiz. Por vezes, quando a conversa era de ordem geral, eu também entrava. Começava a poder respirar. Ninguém era mau comigo nesses momentos. Tudo era tão natural, tão bem regulado e tão sobriamente representado, que tinha a impressão ridícula de "fazer parte da família".

Mas em sua cela, vendo-se novamente ante a morte, descobre que antes era feliz. A vida, mesmo aborrecida e vulgar, era sua, era algo seu, algo que agora a morte irá lhe tirar. No entanto, não desanima.

"A parte estes aborrecimentos, não me sentia muito infeliz. Todo o problema, repito-o, estava em matar o tempo. Por último, acabei por já não me angustiar, a partir do instante em que aprendi a recordar.

Assim, quanto mais pensava, mais coisas esquecidas ia tirando da memória. Compreendi então que um homem que houvesse vivido um único dia poderia sem custo passar cem anos numa prisão".

Sim, Meursault, mesmo sentindo o valor da liberdade, gastou os dias que lhe restavam, em sua cela, com alguns momentos

de felicidade, felicidade esta, tirada simplesmente de suas recordações.

Albert Camus resume com estas palavras O Estrangeiro:

"Em nossa sociedade todo homem que não chora no enterro de sua mãe, corre o risco de ser condenado à morte".

Realmente, Meursault não chorou no enterro de sua mãe. Não chorou porque talvez já sentisse que nada, nada tinha importância. Também ele seria um dia condenado. Todos seriam. Que importava, se acusado de um crime, era executado por não ter chorado no enterro da mãe?

Importa, sim, o que Meursault agora nos diz ao falar de sua mãe possivelmente nesta hora em que tudo será para ele, indiferente:

"Julguei ter compreendido por que é que, no fim de uma vida, arranjara um "noivo", porque é que fingira recomeçar. Também lá, em redor desse asilo onde as vidas se apagam, a noite era como uma treva melancólica. Tão perto da morte, a minha mãe deve ter-se sentido libertada e pronta a tudo reviver. Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar por ela".

( F R )

**USE E ABUSE!**



**PROBST**  
serviço de entregas

Comprar no Probst é uma tranquilidade. Além das vantagens nos preços e qualidade dos artigos, Probst cuida do resto, levando todo o material adquirido até a porta de sua casa ou local de construção. Use e abuse de mais este serviço do Probst.

Probst ... agora também com o Credi-IPESC.

**PROBST**  
BLUMENAU - ITAJAI

## DUPLI-CONSELHO

Fração do eterno todo,  
ó belo coração que dupli-sente  
e dupli-chora e dupli-tudo,  
maldito és  
não sendo dono ou passe dos horários.  
Se os sonhos não são teus, não sonhes.  
Dupli-minta na verdade nem tocada  
que ela é sempre dupla.  
Dupli-leia c'os dois olhos  
a entrelinha dos caminhos coloridos.  
Dupli-coma c'as tuas bocas  
a entrelinha dos caminhos.  
Dupli-pense c'as tuas mentes  
a entrelinha.  
Na hora em que tudo acabar,  
nada vai dupli-acabar.  
(Tudo isso eu penso e nada disso eu digo)

Domingos Sávio Nunes

### COMUNICADO

As matérias inseridas neste jornal podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que citada a fonte.

### JORNAL DESTERRO

— Jornal Catarinense de Cultura —

Caixa Postal, 1151

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA  
88.000.

# K O I S C E ' S

(TITO VILE II)

## FURB E SUAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: —

Em uma das paredes da cantina apareceu:

Kleines Zimmer mit möbeln und badezimmer an person, d'e deutsch spricht.

Gerend: an ende der alameda Rio Branco.

Weitere information: telefon 22-5808.

LEIA-SE: — Aluga-se um pequeno quarto mobiliado com banheiro para pessoa que fale alemão, no fim da alameda Rio Branco.

Informação com fone 22-5808.

Por momentos estive perdido no tempo e no espaço, será que fiquei louco? Aonde é que já se viu disso? em pleno ano da graça de 1976?! Mais um pouco e teremos aulas de Portugues dada em Alemão.

## KOISCE POLITICO: —

Com tanto asfalto, vai faltar espaço para o acostamento. (o Vica chegou a sonhar que asfaltaram uma roça de milho).

Mais uma da Iolanda: —

A Iolanda (8º semestre Eng. Química) declarou em uma reunião da turma que: já pastei muito por causa de certas materias e QUERO fazer estágio na área de COSMETICOS, área ainda não definida — (Comestíveis + cosméticos???) Eta!!!!

## UMA DUVIDA:

O que seria o Kojack sem o seu pirolito????

## UMA PIADA ORGANIZADA:

Temos um professor (organização industrial) que, segundo ele, passou por mais de 500 empresas pelo Brasil afora, mas parece que não resolveu nada, pois continua necessitado de um amplificador, e sem saber nada de organização, isto é, organizar uma aula.

## KOISCE POLITICO 2:

Estamos contigo Carter, Ford bebe muito!

## KOISCE ESPORTIVO:

O grande Pelé e uma recente entrevista dada à televisão declarou que: Não sendo como atleta ou como técnico profissional, colaborarei com a seleção brasileira, com todo coração em tudo o que me for possível. Pergunto: O que é que ele está esperando então???

## UM FATO:

Nesta cidade, considerada o centro cultural do estado recebeu um Sr. chamado Edoardo Vidossich, que não nada mais nada menos que um ou o maior entendedor de jazz e música afro-brasileira, mas por incrível que pareça resolveu aqui se radicar e simplesmente para poder sobreviver depende da ajuda dos diretores acadêmicos e de pessoas menos influentes. Nota: Blumenau conta ainda com uma ótima escola superior de música. Agora eu pergunto: De que vale procurar dar força para um povo que não mermece te-la.

## KOISCE LITERÁRIO:

Sr. missivista: Cultura tem idade????

## O HERÓI DO MES:

O jovem Rodney (5º semestre Civil) por força das conseqüências houve por bem adiar uma viagem à muito programada, simplesmente para poder batizar uma criança. Como assim? Se o teu pai sabe hem???

## NA CANTINA:

Seu Irineu! me dá uma mineral!

Seu Irineu! me dá uma mineral!!

Seu Irineu! me dá uma mineral!!!

Seu Irineu! me dá uma mineral!!!!

Jagunço! me dá uma mineral!

Jagunço! me dá uma mineral!!

O Tito vamos tomar uma mineral no bar da esquina?

Vamos.

## LIBERTAÇÃO:

Um voto de louvor ao Sr. Jaime F. (8º semestre Civil), pelo apoio às promoções do DCE.

## SEDE ANTI-SOCIAL DO DCE:

Promoveu-se dia 8 p.p. na sede social do DCE uma noite de som; para civilizados, isto é, a festa começou para pessoas civilizadas, no entanto após às 2 da madrugada o conceito de civilização mudou completamente, o som mudou para ruído e a luz negra mudou para luz "preta". Porque? Porque a esculhambação atrás do balcão era maior do que no recinto dançante. Além disso a mesa da portaria desapareceu, as duas caixas de leite da cantina e para encerrar a festa, alguns nem viram a porta ao sair, pois a mesma está "alquebrada". "Universitários Furbolinos e suas ações comunitárias".

## PENSAMENTO DO MES:

Nem todos os ratos do mesmo buraco, tem a mesma ideologia. Esta é que nem piada Americana: já vem "rida".

# "A Partilha Afro-Asiática"

"esta é a crônica da África do Sul de algum tempo atrás":

## A DA SUBMISSÃO

(Vitor Vieira — Jornal VERSUS)

No avião que desce no aeroporto de Johannesburg, o casal de indianos vem sentado no último banco porque sua pele é escura. Na fila da alfândega, quando chegar em frente ao funcionário do guichê, receberá a ordem para voltar ao fim da fila. Ainda há brancos para passar.

Na saída da alfândega, os banheiros estão em frente, do outro lado do corredor. "For women — "For female". Mulher de branco é mulher a de negro, fêmea.

Os táxis são de uma cor para os brancos; de outra, para os negros. Com motoristas da respectiva cor. A barreira não pode ser ultrapassada.

Debaixo do sol da África do Sul, as guaritas dos ônibus para brancos estão vazias. Ao lado, aguarita dos ônibus para negros está cheia, os bancos ocupados — e muitas velhas em pé, cansadas, sem um canto para repousar o corpo.

Nas minas, o trabalho é só para negros. Agora trabalham os próprios negros sul-africanos, porque não existe mais a Angola de Portugal, a Moçambique de Portugal, que forneciam mão de obra com direito à escravidão por três anos.

Na rua, um branco é atropelado e gravemente ferido. O hospital mais próximo é reservado a negros. O branco morrerá, porque só pode ser atendido por uma ambulância branca. Ou vice-versa.

Nos parques tão bonitos, com uma grama que relembra a querida Europa, todos os bancos estão desocupados entre 11 e 14 horas. E os parques estão cheios os bancos, uma inscrição que não deixa dúvidas: "Only for European People".

Branca atacada por negro, negro na força. Negra atacada por branco, pena máxima de seis meses, um ano.

Propriedades, só dos brancos. Ao negro, nem sua casa. Só o trabalho.

Os trens correm cheios ao fim da tarde, para despejar sua carga nos guetos da periferia das cidades. Nas ruas de Johannesburg, Cidade do Cabo, Pretória, os guardas organizam com rigor o sistema de retorno dos brancos para suas casas, através de um tráfego fluente.

Aos brancos, toda a bebida que ajuda a confirmar uma das maiores taxas de desastres rodoviários do mundo. Aos negros, a maconha, que completa o desastre da opressão sem limites.

As donas de casa ficam aflitas. Suas empregadas negras precisam sair no horário, para tomar o último trem. Não podem dormir no serviço. Não podem ficar nas ruas se a última composição já partiu. Críme de vadiagem, para negro, implica em uma pena severa, na cadeia.

Os estudantes vão às aulas separados. Os brancos na cidade, os negros em seus guetos. Visto de saída do País, só para brancos. O automobilismo é um esporte emocional. Está reservado só para uma espécie de público, o da cor imaculada.

Futebol é jogado em duas ligas, separadas. Os talentos não podem ser comparados. Cirurgião é Barnard, ao médico negro a ingrata tarefa de procurar salvar vidas insalváveis.

Gigantescos tabuleiros de terra dourada, extraída das minas de ouro, circundam Johannesburg. E, à vista de tal riqueza, uma das maiores reservas de minérios estratégicos da terra, o espetáculo da maior miséria.

Existe esse lugar em que o próprio pode restimular as plantações de maconha, como os ingleses estimularam o consumo do ópio na China.

As pessoas viviam pelos cantos, silenciosas, balançando o corpo ao ritmo de uma cantilena sem sons, os olhos injetados, e, por muito tempo, só sabiam dizer "sim". Mas, agora, os jornais estão chegando com as notícias da revolta...

(este artigo, escrito por Vitor Vieira, foi publicado no jornal VERSUS nº 5, edição de Setembro/76, de onde o extraímos).

Florianópolis, setembro de 1976.

## "S O W E T T O"

Imenso cordão

isolante

tiros gás morte

Não

NAO

Eles dizem NAO aos

senhores.

(Carlos Damião — Werner Martins)

# Uma Antologia Do Conto Marginal

(NILTO MACIEL)

No início deste ano tive a idéia de organizar e publicar uma coletânea de contos de autores novos de todo o Brasil. Novos não seriam, por exemplo, Nagib Neto, que já tem livros publicados, embora não seja conhecido sequer em Recife, onde vive, onde escreve e onde publica seus contos, nem Ignácio de Loyola, que, embora seja autor de uns quatro livros, embora tenha sido publicado na Itália e em Portugal, ainda é considerado novo, porque pouco lido. Novos seriam Ailton Monte, contista dos melhores que conheço, que, apesar disso, há anos tenta furar o bloqueio editorial, na tentativa de publicar seus maravilhosos contos, ou Octávio Ribeiro Neto, que já deve ter publicado uns dois de sua imensa lavra de bons contos.

A coletânea teria o formato de uma brochura mimeografada e seria distribuída, através de mala direta, com críticos, comentaristas e colunistas literários dos grandes jornais (que são poucos), editores e redatores de revistas culturais e jornais nômicos, escritores e outros leitores.

Mas tudo não iria passar de uma idéia, se um dia não me chegasse às mãos um "anúncio desclassificado", no seguinte teor:

"CLUB DOS AMIGOS DO MARSANINHO

ANUNCIO DESCLASSIFICADO

PARA CONHECIMENTO DOS DESCONHECIDOS QUE NÃO COMPACTUAM COM O BOICOTE A LITERATURA CONTRA-CULTURAL:

GLAUCO MATTOSO, escrevinhador marginalizado, cômico e cioso de sua condição, pretende organizar e publicar, a expensas do Club, uma antologia do conto marginal com trabalhos inéditos escolhidos dentre os que lhe forem enviados até 30 de Setembro. A seleção será feita por ele e outros nomes igualmente obscuros (claro). O único requisito é o absoluto ineditismo dos autores (aspecto que não se tem verificado na imprensa do gênero, onde os "novos" publicados já têm, quase sempre, prêmios & menções honrosas, currículo jornalístico e até antecedentes editoriais, além de influente relacionamento, ao que parece).

Correspondência (textos em 3 vias + dados pessoais) para:

CLUB DOS AMIGOS DO MARSANINHO

A/C de Glauco Mattoso

Rua Mauá nº 5 — ZC 45 — Santa Teresa

20.000 — RIO DE JANEIRO — RJ".

OBS.: esse "ineditismo absoluto" não deve ser interpretado literalmente e o prazo para entrega dos textos foi estendido até fins de outubro.

Era chegada a vez da antologia que eu havia idealizado e divulgado nas páginas da revista INTERCÂMBIO. Imediatamente rabisquei uma carta, contando a história de minha idéia e propondo uma união de forças, e enviei-a a Glauco Mattoso. Na sua imensa vontade de dar seu contributo à nacionalização do livro brasileiro e à destruição das panelinhas literárias e de fazer ver que a literatura brasileira não é só Machado de Assis, Mário de Andrade e Jorge Amado, Glauco Mattoso e o Club dos Amigos do Marsaninho (que não é uma igreja literária, de jeito nenhum) encamparam a nossa proposição.

Está sendo feita a coleta do material. Quem for autor marginal, contista novo, escritor inédito, ou seja lá o que for, está convidado a participar desta antologia. Logicamente que nem todos serão escolhidos, porque são muitos os convidados. O próprio GM explica: "Presupondo-se que cada autor enviou aquilo que considera de seu melhor nível, adiantamos que, em princípio, nenhum conto será excluído por razões qualitativas. "E adianta: "Devido, porém, à limitação de espaço imposta pelas dimensões de um volume teremos que selecionar os contos recebidos, caso a quantidade o exija. Tal seleção será feita por autores marginalizados como você. Não há medalhões na jogada".

Não há exigência nenhuma quanto ao conteúdo e à forma do texto. Exige-se apenas que seja inédito. E que assim permaneça até o lançamento da antologia.

Como as despesas de composição, diagramação, montagem, fotolitagem, impressão e aquisição de material correrão por conta do CAM, cabendo ao Movimento de Intercâmbio Cultural parte da coleta do material, da divulgação agora e depois do lançamento da antologia e da distribuição dos exemplares, toda a renda resultante da venda do produto caberá ao CAM, como forma de ressarcimento da despesa feita. Se ocorrer que, ressarcidos os gastos feitos, ainda haja lucro, novos empreendimentos serão levados a efeito, dando oportunidade a que outros autores marginalizados venham a ser publicados em livro. Possivelmente os que não forem selecionados para esta primeira antologia.

Além de serem publicados, os participantes deste anti-concurso literário receberão alguns exemplares do livro, como pagamento simbólico pela publicação de seus textos, ficando o copirraite totalmente em seu poder.

Crems que esta seja uma forma revolucionária de tirar da gaveta muito texto de boa qualidade, de incentivar os novos escritores a produzirem mais e mais, de colocar no mercado consumidor o livro genuinamente nacional, em substituição ao best-seller estrangeiro, de lançar, embora na forma reduzida de antologia, novos autores, de mostrar aos manipuladores da cultura que é nos subterrâneos do anonimato que escondem os grandes valores e de que nós mesmos, autores marginais ou marginalizados, como queiram, estamos dispostos a continuar a escrever, a não esperar pelas mudanças prometidas ou sonhadas e a não nos envergonharmos de nossa "profissão".

ENDEREÇOS PARA REMESSA DOS CONTOS:

Os contos, acompanhados de dados biográficos, devem ser enviados para o CLUB DOS AMIGOS DO MARSANINHO (ver endereço acima) ou para o MOVIMENTO DE INTERCÂMBIO CULTURAL: Rua Amadeu Furtado, 375 — Fortaleza — Ceará.

## Um Poeta Catarinense Alcides Buss

Alcides Buss reside em Joinville, onde exerce atividades profissionais na área da cultura e do magistério. Graduiu-se em Letras, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de sua cidade e, posteriormente, pós-graduou-se em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente leciona nas cadeiras de Literatura Brasileira e Teoria Literária.

Suas primeiras publicações foram em Jornais da região. Em 1970 publicou, por iniciativa própria, seu livro de poemas CIRCULO QUADRADO. Em 1971 venceu o I FESTIVAL CATARINENSE DE POESIA UNIVERSITÁRIA, sendo seu livro O BOLSO OU A VIDA? publicado pelo Diretório Central dos Estudantes da UFSC. De 1969 a 1972, editou um suplemente literário junto aos Diários Associados e dirigiu o Jornal Universitário "O Acadêmico". Respondeu também, durante algum tempo, pela coluna de Santa Catarina no Jornal de Letras, do Rio de Janeiro.

A partir da idéia de que o Escritor não deve se limitar ao livro como forma veiculadora da mensagem poética e visando uma melhor funcionalidade da obra na sua integração com o homem e a vida moderna, Alcides Buss realiza uma constante pesquisa em torno da adequação de materiais e soluções plásticas para a Poesia. Neste sentido já participou de diversas exposições, mostrando seus poemas associados ao plástico, ao vidro, ao pano e ao acrílico.

Estes são poemas audio-visuais, onde as palavras, além de exprimir, pela sua essência, o sentido normal, exprimem pelos desenhos, com omissão ou acréscimo de letras a figura desejada pelo autor.

Alcides Buss deixa de ser, então somente o poeta literário, alcançando uma nova dimensão poético-plástica, dominando as palavras, ao acréscilas ou reduzi-las.

Quando diz "ESCONDEND", a gente entende o sentido em toda a sua extensão. Ou "AMMMMAAANDDOOO", por que amar é um verbo imenso, sem fim, e traduz uma palpitação inescandível, apesar de íntima. Ninguém consegue amar em silêncio, sem comunicar, sem demonstrar. A gente, na verdade, aaammmaasaAAAA.

Não é só. O poeta ALCIDES BUSS de AHSIM é construtor de figuras, de imagens, capaz de colocar a árvore à margem do rio, lavando as raízes dos pés nas águas correntes. Ou fazer alguém se cobrir com a sombra da palmeira. Ou acender na tomada a luz das estrelas. Ou colocar florestas em assembléia geral.

Então, a sua poesia é, também, mágica, prestidigitatória. Quase truque de inteligência, talento e cultura. Que a gente sabe que é truque. Mas não descobre como o é.

(Carlos Adauto Vieira)

# LIVROS

NA LIVRARIA UNIVERSITÁRIA

PEDRO NAVA c/ BALÃO CATIVO — Memórias /2

Nesse segundo volume (Balão Cativo), aparece o menino, apenas entrevisto no primeiro volume, no vaivém da família do Dr. José Nava. O colégio interno é, como o título está a indicar, o tema predominante. Mas, isso de dissertar sobre tema torna-se perigoso quando a obra em foco atinge dimensões de monumento literário como diz o Francisco de Assis Barbosa; quando mexe com a alma, o coração e a inteligência, com as vísceras nobres do peito e as circunvoluções da cabeça, como fala uma Rachel de Queiroz; então, que a obra fale por si:

Como fui longe... Cheguei a 1918 e tenho de voltar atrás para entrar no Internato do Colégio Pedro II. Tinha de fazer vestibular e meus tios Salles e Modesto, erigidos em banca examinadora, verificaram, aterrados, a precariedade do que eu aprendera no Anglo. Falava perfeitamente o meu inglês, trouxera na minha pobre bagagem até uma seta apontando a direção de uma cultura, mas estava a zero na regra tres, nas frações, no máximo divisor e no mínimo múltiplo comuns. Uma miséria. Minha geografia era uma vergonha. De corografia, neres. Quando tio Salles me veio com indagações sobre os substantivos, os adjetivos, os verbos, os advérbios e as interjeições eu quase perguntei quem eram. De sujeito (Antônio) e predicado (vive) eu não sabia patavina. Vendome assim in albis os tios não me largaram mais até o vestibular (final da pág. 262).

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA — Cr\$ 45,00

## EDITORA ÁTICA

RUA BARÃO DE IGUAPE, 110  
CAIXA POSTAL, 8656 — SÃO PAULO

## JORNAL DOIS

— O Jornal do novo catarinencismo —

Rua Nunes Machado, 10 — Apto. 4  
FLORIANÓPOLIS — (S. C.) — 88.000



ASSINATURAS — Cr\$ 50,00 anuais  
JORNAL "O ACADEMICO"  
C.P. 1124 — 89.100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome .....

Rua ..... Nº .....

C E P .....

Cidade ..... Estado .....

## FLORICENO PAIXÃO c/ CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

É um livro que "compreende as disposições da Lei Orgânica da Previdência Social (Lei número 3 807, de 26 de agosto de 1960) e da respectiva legislação complementar, revistas, atualizadas e renumeradas". Art. 1º — O regime de previdência social de que trata esta Consolidação tem por fim assegurar aos seus beneficiários os meios indispensáveis de manutenção, por motivo de idade avançada, incapacidade, tempo de serviço, encargos familiares, prisão ou morte daqueles de quem dependiam economicamente, bem como serviços que visem à proteção da sua saúde e concorram para seu bem estar.

EDITORA SÍNTESE — Cr\$ 50,00.

## Livraria Universitária

Rua XV de Novembro, 340, 2º andar, conj. 201, edif.  
Londrina — Cx. Postal, 503  
BLUMENAU — SANTA CATARINA

Filial em Florianópolis (SC): Rua Visconde de Ouro Preto, nr. 57, sobreloja 4, edif. Visc. de Ouro Preto.



## O ACADEMICO

CALCULADORAS CIENTÍFICAS  
E FINANCEIRAS

HP-21 HP-22 e HP-25

ARTIGOS PARA DESENHO E  
TOPOGRAFIA

CÓPIAS HELIOGRÁFICAS  
E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296 —

Blumenau — Santa Catarina



